

Potencialidades **Eco-Cinegéticas** da **Serra da Lousã**

CARLOS FONSECA * [cfonseca@bio.ua.pt]

A. ALVES DA SILVA ** [antonioalvesdasilva@gmail.com]

J. ALVES *** [joanasilvaalves@gmail.com]

J. CANCELA **** [jorge.cancela@dgrf.min-agricultura.pt]

A.M.V.M. SOARES ***** [asoares@bio.ua.pt]

Resumo | A Serra da Lousã – maciço montanhoso de limites pouco definidos, assumindo-se de uma forma geral, que compreende todas as serranias entre o S. João do Deserto (a Oeste) e os Penedos de Góis (a Este) – constitui a extremidade mais meridional e ocidental da Cordilheira Central. O seu ponto mais elevado – o Alto do Trevim (1205 metros) – proporciona a contemplação de deslumbrantes sítios e cenários do Centro de Portugal, desde o seu interior mais longínquo até ao litoral marítimo, sendo um dos pontos referenciais mais importantes da Região Centro do país. A história natural desta Serra sempre esteve intimamente ligada ao Homem. Herdeira de uma marcante actividade pastoril, a Serra da Lousã sofreu grandes transformações silvícolas, pela mão dos Serviços Florestais, muitas vezes com o auxílio das populações rurais que teimosamente resistiram ao crescente êxodo rural. Tais mudanças ficaram marcadas não só pela sementeira de grandes extensões de pinhal, como também pela manutenção de alguns núcleos de folhosas (carvalhos, bétulas e castanheiros) e preservação da vegetação ripícola que margina os abundantes riachos e ribeiras que brotam dos xistos serranos.

A transição da região de influência atlântica para as regiões mais mediterrânicas é bem patente nesta Serra, pela coexistência de plantas e animais característicos destas duas regiões, chegando a ser o limite de distribuição de algumas delas, como é o caso da salamandra-lusitânica. A importância da riqueza biológica e ecológica que a Serra da Lousã encerra foi recentemente reconhecida nacional e internacionalmente pela sua inclusão na proposta da Rede Natura 2000, referente a sítios classificados por possuírem *habitats* e espécies de interesse comunitário, ao abrigo da directiva “*Habitats*”.

Efectivamente, a Serra da Lousã alberga diversificados *habitats* e comunidades vegetais e animais relevantes em termos de biodiversidade e conservação da Natureza. Entre múltiplas espécies presentes na Serra da Lousã e incluídas em Directivas Nacionais e Internacionais, que as protegem integralmente, bem como aos seus *habitats*, destacam-se a festuca, o narciso, o ruivaco, a salamandra-lusitânica, o lagarto-de-água, a cegonha-preta, o tartaranhão-caçador, o guarda-rios e a lontra.

* **Doutorado em Biologia** pela Universidade de Aveiro e **Docente** no Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro.

** **Licenciado em Biologia** pela Universidade de Coimbra e **Mestrando em Ecologia** na Universidade de Coimbra.

*** **Licenciada em Biologia** pela Universidade de Coimbra e **Doutoranda em Biologia** na Universidade de Aveiro.

**** **Licenciado em Engenharia Florestal** pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e **Chefe de Divisão** de Caça e Pesca da Circunscrição Florestal do Centro.

***** **Agregação** na Universidade de Coimbra, **Professor Catedrático** e **Director** do Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro.

Há precisamente dez anos, a Serra da Lousã foi enriquecida através da reintrodução de cervídeos, nomeadamente de veados e corços, tendo em vista não só o aumento da biodiversidade animal local, como também a exploração cinegética, enquadrada na gestão sustentável das suas populações, o ecoturismo e o turismo científico devidamente estruturados e integrados de acordo com a Biologia e Ecologia destas espécies.

1. Introdução

Intimamente associada à serra com o mesmo nome, a vila da Lousã desenvolve-se numa bacia topográfica com ricos campos agrícolas atravessados pelo Rio Arouce que desagua no Rio Ceira, nas proximidades de Foz de Arouce. A Serra da Lousã (1205 m), em ligação com a Serra do Açor e a Serra da Estrela (1993 m), é o princípio do mais imponente dos alinhamentos montanhosos de Portugal, sendo fundamentalmente xistosa e precâmbrica, portanto geologicamente muito antiga.

A actividade agrícola praticada no fértil sopé da Serra (Bacia da Lousã), bem como junto às principais linhas de água e povoações do concelho, proporciona algum alimento para as várias espécies animais presentes. Contudo, a Lousã é um concelho essencialmente florestal. A floresta ocupa uma elevada percentagem da área total do concelho e é caracterizada pela predominância do Pinheiro-bravo (*Pinus pinaster*). Mais recentemente e, nos terrenos privados, tem-se assistido a uma grande proliferação do Eucalipto (*Eucalyptus* spp.). Também algumas espécies arbóreas, outrora dominantes, se podem encontrar dispersas pelo concelho. Destas, destacam-se o Castanheiro (*Castanea sativa*) e espécies do género *Quercus*, nomeadamente o Carvalho-negral (*Quercus pyrenaica*), Carvalho-alvarinho (*Quercus robur*) e o Sobreiro (*Quercus suber*). Algumas zonas ribeirinhas e encostas das serranias preservam, respectivamente, uma vegetação ripícola e um matagal mediterrâneo característico da região e de elevado interesse ecológico (QUERCUS, 1996). A nível vegetal, são de destacar as galerias ripícolas de algumas ribeiras onde ainda é possível encontrar espécies da original

floresta laurisilva, como os azereiros (*Prunus lusitanica*), os folhados (*Viburnum tinus*), os loureiros (*Laurus nobilis*), os azevinhos (*Ilex aquifolium*), os adernos-de-folhas-largas (*Phillyrea latifolia*), as heras (*Hedera helix*), os fetos-reais (*Osmunda regalis*), entre outras (QUERCUS, 1996). Ao nível das comunidades animais com hábitos ribeirinhos, destacam-se as comunidades de anfíbios com relevo para as endémicas e frequentes rã-ibérica (*Rana iberica*) e salamandra-lusitânica (*Chioglossa lusitanica*), para além de vários tritões e outras salamandras. Também o protegido lagarto-de-água (*Lacerta schreiberi*) é observado nestes locais, bem como abundantes vestígios de lontra (*Lutra lutra*).

A importância ecológica desta vasta região foi reconhecida internacionalmente, pela sua inclusão na proposta da Rede Natura 2000, referente a sítios classificados por possuírem *habitats* e espécies de interesse comunitário, ao abrigo da directiva *Habitats*. A Área Classificada (AC) PTCO 0060 – Serra da Lousã (Resolução do Conselho de Ministros n.º 76/2000, de 5 de Julho) tem uma área total de 15 158 ha (ICN, 2006).

Para além da importância ao nível da conservação, a Serra da Lousã inclui várias zonas de caça de diferentes tipologias (zona de caça nacional, zonas de caça municipais e associativas), realçando-se a sua importância cinegética a nível regional e nacional. Presentemente, a maioria desta região está ordenada cinegeticamente, permitindo a implementação de um plano global de gestão para as espécies de caça maior ou ungulados (o veado *Cervus elaphus* L., o corço *Capreolus capreolus* L. e o javali *Sus scrofa* L.), inédito a nível nacional (Fonseca *et al.*, 2005). Tal plano irá permitir não só a regulação do tamanho e da qualidade das

populações de ungulados, prevenindo a falta de alimento, a destruição do *habitat* e os potenciais estragos nas actividades agrícolas e silvícolas, como também irá incluir informação preciosa ao nível do uso devido dos espaços florestais, tendo em linha de conta a ocorrência de populações cinegéticas e de comunidades animais e vegetais de elevada importância em termos de conservação da Natureza.

Com potencial em termos florestais e paisagísticos, vislumbra-se que o desenvolvimento sustentado do concelho da Lousã passe, fundamentalmente, pela implementação e dinamização das actividades económicas relacionadas com a natureza (caça, pesca desportiva, fotografia, percursos pedestres, etc.) e o turismo.

2. O Sítio classificado PTCO 0060 – Serra da Lousã

Dos 15 158 ha que constituem o Sítio classificado PTCO 0060 – Serra da Lousã (Figura 1), cerca de 30% fazem parte do concelho de Góis, 25% da

Lousã, 20% de Castanheira de Pêra, 16% de Figueiró dos Vinhos e 9% de Miranda do Corvo (ICN, 2006).

A Serra da Lousã, apesar de estar localizada inteiramente na região biogeográfica mediterrânica, apresenta declives muito acentuados (originando encostas íngremes e vales muito encaixados, por vezes quase inacessíveis) nas vertentes Norte e mais suaves a Sul (concelhos de Castanheira de Pêra e Figueiró dos Vinhos) onde, respectivamente, se fazem sentir as influências climáticas atlântica e mediterrânica.

As influências geológicas, geográficas, climáticas e hidrográficas que possui, originam ambientes com condições muito particulares e com elevada selectividade na fauna e flora. A vegetação existente é diversificada, com a ocorrência de várias árvores do género *Quercus*, que incluem azinheiras (*Quercus rotundifolia*) nas zonas mais secas e ensolaradas e carvalhais de carvalho-robe (*Quercus robur*) e carvalho-negral (*Quercus pyrenaica*), nas zonas mais húmidas e frias.

Sob o ponto de vista paisagístico e geomorfológico destacam-se os Penedos de Góis (ca. 1048 m de altitude), imponente e agreste formação

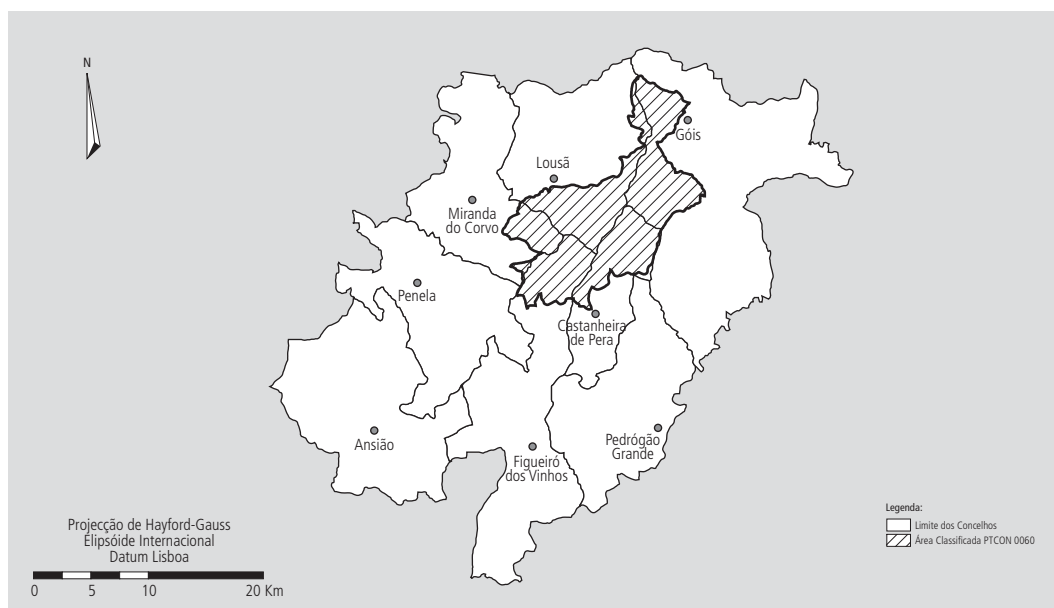


Figura 1 | Sítio classificado PTCO 0060 – Serra da Lousã (15 158 ha) e concelhos da região.

quartzítica, que data do período Silúrico (ca. 600 milhões de anos), ladeados por cascalheiras e ainda pela presença de múltiplos ecótipos de elevado valor genético e biológico (QUERCUS, 1996).

As várias linhas de água, já referidas anteriormente, quase todas de carácter permanente, fazem parte das bacias hidrográficas dos rios Zêzere e Mondego e assumem grande importância faunística e florística. Evidenciam-se as galeiras dominadas por amieiros (*Alnus glutinosa*), por azereiros (*Prunus lusitanica*) e outras plantas características da floresta sempre-verde (Laurissilva), como o *Laurus nobilis* (loureiro), o *Ilex aquifolium* (azevinho) e o *Ruscus aculeatus* (gilbardeira), que constituem *habitats* raros no nosso país.

Associadas, geralmente, a cursos de água estão áreas de elevada diversidade faunística, dentro da qual se destacam alguns endemismos ibéricos como o lagarto-de-água (*Lacerta schreiberi*), habitante de zonas relativamente húmidas com coberto vegetal denso, com precipitações anuais superiores a 600 mm; a salamandra-lusitânica (*Chioglossa lusitanica*), que ocorre, preferencialmente, nas margens de ribeiros de águas límpidas, bem oxigenadas e com vegetação abundante, distribuindo-se por áreas de clima temperado, com precipitação anual superior a 1000 mm e altitude inferior a 1500 m e a rã-ibérica (*Rana iberica*), que se encontra junto a ribeiros, charcos, lagoas, em prados húmidos e terrenos encharcados com vegetação herbácea circundante.

Como actuais factores de ameaça e atendendo às particularidades deste maciço serrano, destacam-se os incêndios florestais, as cada vez mais frequentes florestações com eucalipto, o corte da vegetação ripícola, a invasão de espécies exóticas infestantes, nomeadamente de háquias, ailantos e sobretudo acácias, a implantação de infra-estruturas (parques eólicos e seus acessos, aumentando o número de veículos e de pessoas na Serra potenciando a pressão turística, o que tem consequências em termos de degradação de *habitats*, risco de incêndio e redução da tranquilidade de espécies da

fauna), a forte pressão turística e os regulares e, por vezes, numerosos passeios e provas motorizadas de todo-o-terreno, *motocross*, moto 4x4 e mesmo de BTT's, etc., que se realizam ao longo de todo o ano e um pouco por toda a Serra.

No total, esta área montanhosa apresenta cerca de 16 *habitats* naturais e semi-naturais constantes do anexo B-I do Dec. Lei n.º 49/2005, dos quais quatro são considerados prioritários, segundo a Directiva *Habitats* (ICN, 2006).

3. Ordenamento cinegético e espécies cinegéticas mais relevantes

Desde sempre considerada como um santuário cinegético a nível regional e a nível nacional, a Serra da Lousã possui uma grande diversidade de espécies animais protegidas (já referidas anteriormente) e cinegéticas.

Já nos *Inquéritos Paroquianos* de 1758, o prior Boaventura de Aguiar e Carvalho descrevia esta Serra como um local onde "se crião gados e caça, e também lobos". Ao longo do século passado, os Serviços Florestais, gestores ou co-gestores de uma grande parte da Serra da Lousã, implementaram uma série de medidas silvícolas, que passaram não só pela sementeira de grandes extensões de pinhal, como também pela manutenção de alguns núcleos de folhosas e preservação da vegetação ripícola. Tais medidas conduziram ao estabelecimento de um rico mosaico vegetal, que foi persistindo até aos anos noventa do século passado, altura em que se procedeu à reintrodução de cervídeos, nomeadamente de veados (*Cervus elaphus*) e corços (*Capreolus capreolus*), tendo em vista o aumento da biodiversidade animal local, a caça, logo que as suas populações o permitam e enquadrada num ordenamento cinegético sustentável e o ecoturismo e turismo científico desde que devidamente estruturados (Fonseca, 2004a).

Este processo foi acompanhado pelo ordenamento cinegético de toda esta região, de tal forma que, actualmente, a Serra da Lousã inclui a totalidade ou parte de onze Zonas de Caça representadas na Figura 2.

Atendendo ao coberto vegetal dominante e às características edafo-climáticas de toda esta região, as espécies cinegéticas que apresentam maior potencial são o veado, o corço e o javali.

O veado, considerado o maior cervídeo da fauna Ibérica, é uma espécie com elevado interesse ecológico e cinegético. Na Serra da Lousã, e dada a grande plasticidade adaptativa da espécie, ocorre em diversos tipos de *habitat*, preferindo os povoamentos mistos, compostos por folhosas e resinosas intercaladas por zonas de matos, que lhe proporcionam, simultaneamente, refúgio e alimento. Este herbívoro, pouco selectivo, consome uma ampla variedade de recursos vegetais e apresenta um grande sucesso reprodutor que, aliado à baixa mortalidade e considerável longevidade, constitui a

chave para a sua expansão demográfica. Actualmente, a sua presença neste maciço serrano resulta de um processo de reintrodução, iniciado em 1995 e que decorreu até 1999, tendo-se libertado cerca de 100 animais (Fonseca *et al.*, 2005).

O corço, ungulado tipicamente florestal, é o cervídeo mais pequeno que ocorre em Portugal. Utiliza, preferencialmente, as florestas de coníferas, de folhosas ou mesmo mistas (Braza *et al.*, 1994a), sendo o seu *habitat*, por excelência, as zonas de clareiras, onde encontra o alimento necessário, próximo das zonas de refúgio. Para este herbívoro selectivo, que se alimenta, principalmente, de partes de espécies arbóreas e arbustivas, a água é um factor fundamental para a sua sobrevivência e dispersão. O processo de reintrodução de corço na Serra da Lousã iniciou com a construção de um cercado de reprodução no “Cantão das Hortas”, em 1994, e prosseguiu com várias reintroduções sucessivas entre 1995 e 1998, tendo-se libertado um total de 51 animais na Serra da Lousã.

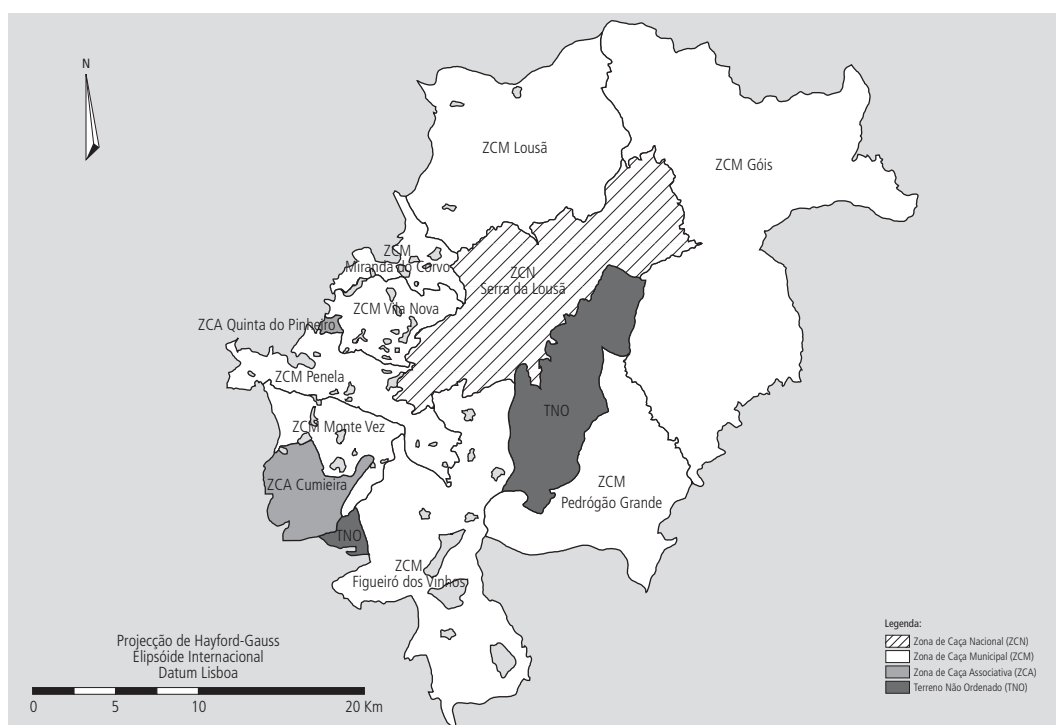


Figura 2 | Ordenamento cinegético da Serra da Lousã.

O javali é uma espécie de elevado valor económico, representando, actualmente, o recurso cinegético de caça maior mais explorado em Portugal. Omnívoro por excelência, apresenta uma grande capacidade de adaptação aos mais diversos *habitats* e recursos alimentares, facto que, juntamente com o elevado sucesso reprodutor, tem conduzido ao incremento populacional e geográfico da espécie (Fonseca, 2004b). Este ungulado foi considerado quase extinto no nosso país nos finais da década de sessenta (séc. XX), encontrando-se circunscrito às zonas fronteiriças serranas e a algumas Tapadas Reais. Actualmente, o javali encontra-se distribuído por quase todo o país, sendo responsável por avultados danos causados nas culturas agrícolas.

4. O ordenamento e a gestão espaço-temporal da Serra da Lousã

A implementação de medidas de ordenamento e gestão, na Serra da Lousã, permitirá a obtenção de populações animais estáveis, contribuindo para um maior benefício ecológico e socio-económico deste espaço natural. A sua aplicação deverá ser global, abrangendo não só a área de distribuição dos ungulados silvestres existentes e tendo em linha de conta os parâmetros espaciais e temporais das



Figura 3 | Habitat serrano da Serra da Lousã.

respectivas populações, como também as áreas consideradas de elevada importância para a conservação dos valores naturais presentes.

4.1. Avaliação dos factores de perturbação das populações de ungulados

As populações animais presentes na Serra da Lousã estão sujeitas a diversos factores de perturbação que condicionam a sua proliferação geográfica e o seu aumento. Os factores de perturbação a seguir descritos, podem afectar directa ou indirectamente as várias espécies presentes, particularmente os cervídeos, sendo o seu impacto variável consoante as épocas do ano e os locais onde ocorrem.

a) Predação

A predação provoca um impacto directo sobre as populações animais, condicionando a sua sobrevivência (principalmente das crias) e, conseqüentemente, o seu sucesso reprodutor. O único predador natural de ungulados que ocorre na Serra da Lousã é a raposa, que poderá exercer um reduzido impacto sobre estas espécies, nomeadamente sobre as suas crias (Guerrero e Aparicio, 1997). No entanto, a forte presença de cães assilvestrados constitui um factor de perturbação relevante, com conseqüências evidentes sobre as comunidades animais locais. Assim, torna-se imperativo um maior conhecimento e possível controlo das várias matilhas de cães presentes e, muitas vezes, observadas na Serra da Lousã, que poderão tornar-se, ainda que pontualmente, uma ameaça para as pessoas que visitam e trabalham nesta Serra.

b) Infra-estruturas

A presença de certas infra-estruturas no maciço central da Serra da Lousã e nas zonas envolventes condiciona indirectamente as populações animais presentes. As principais infra-estruturas existentes, susceptíveis de causar algum impacto nas

populações animais, nomeadamente de cervídeos, são descritas a seguir:

- Estradas – as estradas municipais, nacionais, e os itinerários complementares (IC 3 e IC 8), que atravessam ou limitam o maciço da Serra da Lousã, podem causar um impacto indirecto nas populações de ungulados, ao limitarem a livre circulação e a expansão geográfica dos animais, e directo, pela possível ocorrência de colisões dos animais com viaturas que circulam nestas importantes vias de comunicação. Neste sentido, e tendo em atenção os acidentes já ocorridos, é aconselhável a colocação de sinalização adequada em todas as estradas municipais, nacionais e itinerários complementares desta região, que informe e previna os condutores da presença destas espécies (e.g. painéis de alerta, limitação de velocidade a 50 km/h em alguns troços), de forma a prevenir este tipo de acidentes.
- Caminhos florestais – estes caminhos existem em elevado número na Serra da Lousã, tendo sido implementados com o intuito da manutenção e protecção florestal. Contudo, poderão constituir um factor de perturbação para as populações animais presentes, uma vez que ao atravessarem zonas da Serra com *habitats* prioritários possibilitam a circulação de pessoas nesses locais. Assim, torna-se necessário encerrar muitos destes caminhos florestais, limitando a livre circulação de pessoas e a realização de algumas actividades na Serra da Lousã, nomeadamente nas zonas abrangidas por *habitats* prioritários, proporcionando aos valores naturais uma maior protecção e tranquilidade. Esta limitação de acesso deverá ser devidamente definida em termos espaciais e temporais, uma vez que há períodos do ano nos quais as populações animais, nomeadamente de cervídeos, se encontram mais vulneráveis.
- Aeroeradores – estas estruturas, recentemente implantadas nas cumeadas da Serra da Lousã, poderão constituir uma perturbação indirecta

sobre as populações animais, nomeadamente de ungulados, afectando alguns dos *habitats* por eles utilizados e perturbando-os nas suas actividades habituais. Na fase de construção, o impacto é muito notório, uma vez que os animais se afastam destes locais, dado o elevado número de veículos ligeiros e pesados e de pessoas envolvidos na implementação dos parques eólicos, dos edifícios de comando com as respectivas subestações, dos ramais de ligação à Rede Eléctrica Nacional e dos acessos a todas estas infra-estruturas. No período que se segue à construção, durante a fase de produção de energia, tem sido evidente o aumento do número de pessoas por toda a Serra da Lousã, nomeadamente aos fins-de-semana, uma vez que os acessos rodoviários às cumeadas da Serra sofreram melhorias acentuadas. A presença de um elevado número de pessoas constitui um eminente factor de perturbação para as populações de ungulados presentes, especialmente em algumas épocas do ano, podendo conduzir ao afastamento das populações animais das zonas de cumeadas, afectando a sua tranquilidade e mobilidade naturais.

c) Actividades desportivas

De entre as actividades desportivas que, potencialmente, poderão ter impacto sobre as populações animais, destacam-se as seguintes: desportos motorizados, como o *MotoCross*, o TT e as Motos 4x4, e os não motorizados, como as BTT e o pedestrianismo. Este tipo de actividades decorre com grande intensidade no maciço da Serra da Lousã, ao longo de todo o ano, coincidindo, grande parte das vezes, com as áreas e épocas particularmente sensíveis para as populações de cervídeos e de outras espécies protegidas de anfíbios e répteis. Neste sentido, é necessário um ordenamento destas actividades, enquadrado com os padrões espaço-temporais das espécies presentes, nomeadamente dos ungulados, de forma a minimizar a perturbação.

d) Incêndios florestais

Os incêndios causam um impacto directo e indirecto, quer nas espécies animais, quer nos seus *habitats*. A sua minimização só poderá ser conseguida por um aumento das medidas de prevenção e pelo correcto ordenamento e gestão silvícola, benéficas para as áreas florestais e para as comunidades animais que elas suportam, impedindo a destruição dos recursos naturais e reduzindo as consequências e os prejuízos inerentes.

e) Acções de ordenamento e gestão florestais e outras

As actividades ligadas ao ordenamento e gestão florestais, tais como a roça de matos, desbastes, desramações e alterações da composição dos povoamentos, abertura e limpeza de aceiros e o fogo controlado, e outras actividades como a colocação/ manutenção de linhas de electricidade e telecomunicações entre outras, são factores que provocam alguma perturbação nas populações animais. A execução de tais actividades deverá ser planeada de forma a não coincidir com as épocas mais sensíveis para estas espécies animais.

4.2. Avaliação e definição dos períodos anuais sensíveis e das áreas prioritárias para os ungulados da Serra da Lousã

A avaliação e definição dos períodos anuais sensíveis e das áreas prioritárias para as populações animais, nomeadamente de ungulados da Serra da Lousã, foram realizadas com base nos padrões reprodutivos dos cervídeos e na localização dos principais núcleos populacionais (Fonseca *et al.*, 2005).

Ao longo do ano, existem períodos mais sensíveis para as populações de cervídeos, como a época de

reprodução e de nascimentos (Bonnet e Klein, 1991; Mateos-Quesada, 2002), que são imprescindíveis para a sua preservação e proliferação. Assim, e de acordo com os ciclos reprodutores dos cervídeos, as épocas particularmente sensíveis para as espécies que ocorrem na Serra da Lousã, decorrem de Maio a Agosto e de Setembro até ao fim de Outubro (Figura 4).

Relativamente às zonas mais importantes para as populações animais da Serra da Lousã, nomeadamente de cervídeos, foram identificadas as áreas prioritárias para estas espécies, tendo em linha de conta o valor ecológico dos *habitats* presentes para as mesmas (Figura 5). Estas áreas incluem todas as zonas onde se localizam os maiores núcleos de cervídeos e nas quais ocorrem as principais etapas dos seus ciclos reprodutores (época de reprodução e de nascimentos), bem como outras espécies animais, nomeadamente as endémicas (Fonseca *et al.*, 2005).

Dada a importância das áreas descritas, torna-se necessária a aplicação de medidas concretas de ordenamento e, simultaneamente, restringir a ocorrência e intensidade dos factores de perturbação. Assim, é aconselhável que se interdite a livre circulação de pessoas não autorizadas em todos os caminhos florestais existentes nestes locais, bem como se promova uma maior fiscalização das acções que aí decorrem, especialmente nos períodos mais sensíveis para os animais, de forma a minimizar os impactos causados. As actividades desportivas e de manutenção silvícola, bem como a implementação e manutenção de infra-estruturas existentes nestas áreas, deverão ser devidamente equacionadas, tendo em linha de conta o quadro legal em vigor e a importância das mesmas para as populações animais, em especial para o seu sucesso reprodutivo.

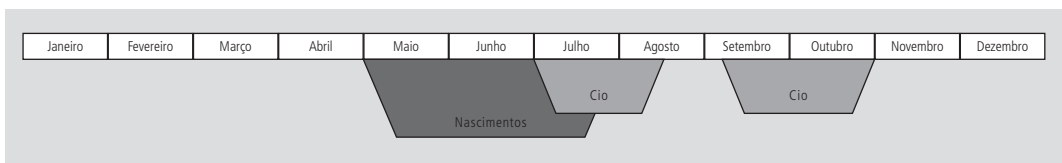


Figura 4 | Períodos mais sensíveis para as populações de cervídeos na Serra da Lousã.

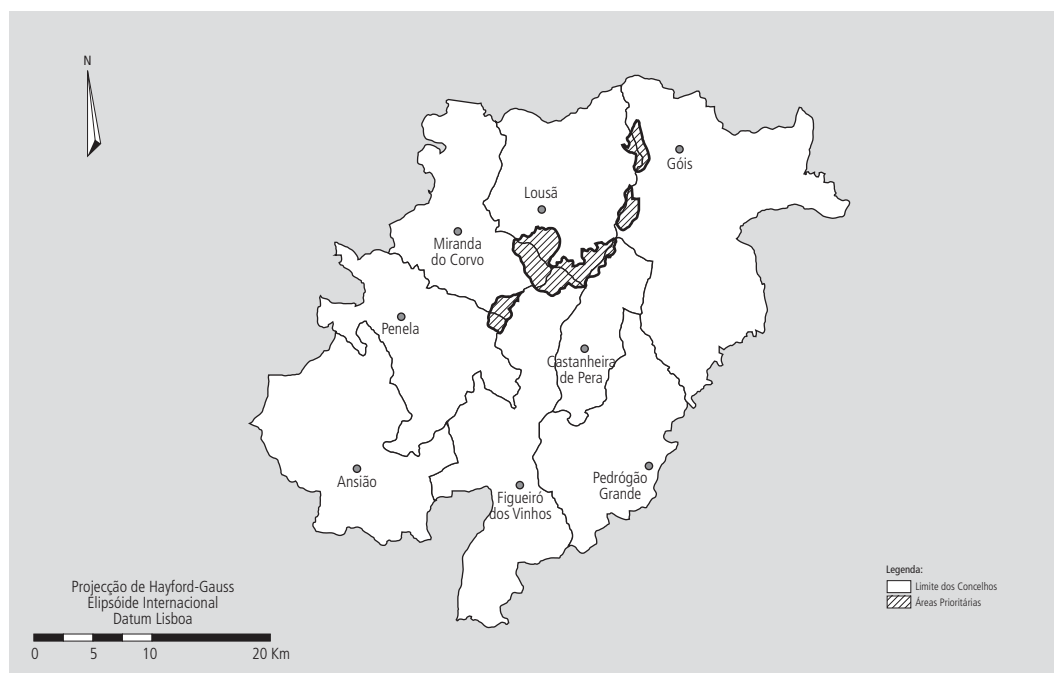


Figura 5 | Áreas prioritárias para as populações de cervídeos da Serra da Lousã.

Durante os períodos anuais sensíveis para as espécies de cervídeos, é essencial a limitação ou mesmo a proibição, nestas áreas, de todas as actividades mencionadas, que, potencialmente, podem causar perturbações acentuadas nestas espécies, proporcionando às suas populações o máximo de protecção e tranquilidade, necessárias ao seu bom desenvolvimento e sucesso reprodutivo (Fonseca *et al.*, 2005).

Na restante área de distribuição das populações de ungulados da Serra da Lousã, grande parte dela coincidente com o Sítio PTCO 0060 – Serra da

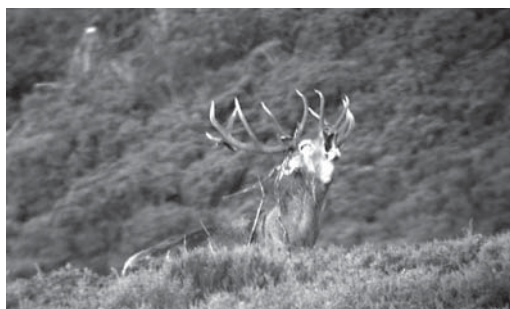


Figura 6 | Veado macho na Serra da Lousã.

Lousã, da Rede Natura 2000, é fundamental que se aplique a legislação já existente, nomeadamente o Decreto-Lei n.º 140/99 de 24 de Abril, de forma a utilizar-se correctamente os recursos naturais sem condicionar o seu desenvolvimento e manutenção e impedindo a destruição e fragmentação maciça dos *habitats*, conservando as espécies animais e vegetais presentes.

A correcta gestão e ordenamento de toda esta vasta área e das múltiplas actividades que nela se realizam, bem como a aplicação do quadro legal actualmente vigente e de uma adequada fiscalização desta, poderão vir a ser coordenadas e implementadas por uma única entidade reguladora, reduzindo as entropias actualmente existentes devido à multiplicidade de agentes actuantes. Refira-se que o Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro estará disponível para qualquer esclarecimento sobre os períodos e as áreas prioritárias definidas, bem como para a divulgação desta informação e na sua correcta implementação na Serra da Lousã.



Figura 7 | Castanheiros na Serra da Lousã.

5. Considerações finais

A implementação do Plano Global de Gestão para as populações de ungulados da Serra da Lousã poderá contribuir, pela sua riqueza e abrangência, para o ordenamento deste espaço natural de inegável valor. O sucesso dos processos de reintrodução de cervídeos, reflectido não só na forte expansão geográfica das suas populações, mas também pela grande qualidade e excelente condição física dos seus efectivos, poderá tornar-se numa mais valia para toda esta região, desde que, atempadamente, se ordene todo este espaço e, acima de tudo, se coordenem espaço-temporalmente as múltiplas actividades que decorrem na Serra e para as quais a Serra tem potencial.

Também aqui, só a compatibilização das actividades humanas com os valores naturais presentes poderá resultar num desenvolvimento harmonioso e verdadeiramente sustentado de um espaço rural com elevado potencial cultural, social e natural.

Bibliografia

- Bonnet, G. e Klein, F., 1991, *Le Cerf*, Hartier Éditions S.A., Collection Faune Sauvage, Paris.
- Braza, F., San José, C., Aragon, S. e Delibes, J. R., 1994, *El corzo andaluz*. Junta de Andalucía, Sevilla.
- Buruaga, M. S., 1997, *La Ordenación Cinegética en Caza Mayor*, in: *I Curso Gestión de Cotos*, Fendeca, Madrid, pp. 37-54.
- Fonseca, C., 2004a, *Berros na Serra*, *National Geographic Portugal*, Vol.4 (38), pp. 11-21.
- Fonseca, C. (2004b). Biologia e gestão do javali (*Sus scrofa* L.) em Portugal. *Santo Huberto, Boletim da Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses*, Vol. 1, pp. 21-28.
- Fonseca, C., Soares, A.M.V.M, Alves, J. e Silva, A., 2005, *Estudo das Populações de Ungulados na Zona de Caça Nacional da Serra da Lousã e nas Zonas de Caça Limítrofes*. Relatório Final no âmbito do contrato estabelecido entre o Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro e a Direcção Geral dos Recursos Florestais. Policopiado. DBUA. Aveiro.
- Guerrero, Y. M. e Aparicio, M. M., 1997, *Bases biológicas y gestión de especies cinegéticas en Andalucía*. Servicio de Publicaciones de la Universidad de Córdoba. Córdoba.
- ICN, 2006, *Plano Sectorial da Rede Natura 2000*, [http://www.icn.pt/psrn2000], (Site accessed 31 March 2006).
- Mateos-Quesada P., 2002, *Biología y comportamiento del corzo ibérico*. Universidad de Extremadura, Servicio de publicaciones, Cáceres.
- QUERCUS, 1996, *Guia da Rede de Percursos da Serra da Lousã*. Quercus – Associação Nacional de Conservação da Natureza, Coimbra.